

Uma experiência com a abordagem fenomenológica no Centro-Oeste

An experience with the phenomenological approach in the Brazilian Midwest

Rosely Aparecida Romanelli^{1*}

¹Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc, Cáceres, MT, Brasil

COMO CITAR: ROMANELLI, R. A. **Uma experiência com a abordagem fenomenológica no Centro-Oeste.** Revista IberoAmericana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 19, esp. 3, e19483, 2024. eISSN: 19825587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.1948301>

Resumo

Este relato é de uma experiência de inclusão de uma abordagem de pesquisa que também permitiu a inclusão de uma metodologia de ensino que está surgindo no ensino superior como estratégia de assimilação de conteúdos, além de buscar uma reflexão sobre as atividades propostas que também tem por finalidade acessar o *a priori pré-lógico* dos sujeitos envolvidos numa pesquisa bem como daqueles que frequentaram as aulas. Com a intenção de estudar alguns autores que preconizam o uso da abordagem fenomenológico-hermenêutica, foram selecionados textos que pretendem um encadeamento de ideias iniciais para que se reflita sobre a aplicação da Fenomenologia e da Hermenêutica, para uma introdução temática. Pensou-se uma disciplina cujo recorte incluiu autores clássicos e seus seguidores mais recentes, como Varela, Merleau-Ponty, Goethe, Steiner, Ortiz-Osés, Ricoeur, Bicudo e outros aos quais eles se remetem em sua exposição. O resultado esperado na disciplina foi alcançado na utilização do método de ensino enquanto o resultado na aplicação da metodologia na pesquisa é um trabalho em desenvolvimento a cada trabalho que se propõe a utilizar essa abordagem.

Palavras-chave: experiência; fenomenologia; hermenêutica.

Abstract

This report is from an experience of inclusion of a research approach that also allowed for the inclusion of a teaching methodology that is emerging in higher education as a strategy of content assimilation, in addition to seeking a reflection on the proposed activities that also aims to access the *a priori* pre-logical of the subjects involved in the research as well as those who attended classes. With the intention of studying some authors who advocate the use of the phenomenological-hermeneutic approach, texts that intend a threading of initial ideas to reflect on the application of Phenomenology and Hermeneutics were selected. A course was designed whose framework included classic authors and their latest followers such as Varela, Merleau-Ponty, Goethe, Steiner, Ortiz, Ricoeur, Bicudo and others they refer to in their exposure of ideas. The expected result in the discipline was achieved using the teaching method, while the result of the application of the method in the research is a work in progress with each work that sets out to employ this approach.

Keywords: experience; phenomenology; hermeneutics.

INTRODUÇÃO

Minha incursão pelo campo da fenomenologia ocorreu muito antes de eu saber o que significava essa abordagem. Também não se deu com minha entrada no meio universitário como estudante de graduação, mas com leituras que somente mais tarde se tornaram minha fonte e objeto de pesquisa.

Foi minha trajetória como mãe que me levou a leitura sobre a pedagogia steineriana e sua antroposofia, até um dia ousar discutir e pesquisar esse campo de conhecimento no meio acadêmico, numa época em que poucas pessoas acreditavam que isso fosse possível.

*Autor correspondente:

rosely.romanelli@unemat.br

Submetido: Julho 13, 2024

Revisado: Agosto 09, 2024

Aprovado: Setembro 20, 2024

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação do comitê de ética:

Não se aplica.

Disponibilidade de dados e

material: TRATA-SE DE PESQUISA BIBLIOGRÁFICA. Textos de artigos e livros podem ser encontrados na internet.

O estudo foi realizado na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Programa de pós-graduação em Educação – PPGEduc-UNEMAT, Cáceres, MT, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Apoiada por professores que acreditaram que nessa possibilidade, me submeti à seleção e fui admitida numa grande universidade brasileira, num programa considerado de excelência. Nessa instituição eu desenvolvi minhas pesquisas de mestrado e doutorado.

Foi durante a pesquisa de doutorado que travei contato pela primeira vez com textos de Merleau-Ponty, adotados como bibliografia por um desses professores que me incentivaram a seguir com minhas pesquisas e que me recebeu para o estágio docência em sua disciplina na graduação.

Nas leituras indicadas para a compreensão hermenêutica da obra steineriana e da pedagogia Waldorf surgiram Goethe, Jung, Durand, Schiller, Veiga, Varela, Ricoeur, Cassirer, Ortiz-Osés entre outras leituras que traziam em seu arcabouço teórico a fenomenologia.

Ao final do período de doutoramento eu já tinha começado a ministrar aulas de metodologia de pesquisa científica e estudando e ensinando o assunto passei a perceber que entre as abordagens mais desenvolvidas pelos manuais adotados nas bibliografias dessa disciplina essa abordagem não trazia desenvolvimento de métodos e técnicas. Também não era apresentada de forma aprofundada nem mesmo em meio às abordagens ditas qualitativas.

Também percebi que a maioria dos periódicos não aceitava a mera descrição de uma compreensão fenomenológica, exigindo a descrição dos métodos e técnicas da interpretação dos dados. Enquanto docente de graduação isso não me preocupou muito, mas a partir do momento em que fui credenciada no programa de pós-graduação em educação na universidade em que leciono, isto começou a ser uma busca para que as pesquisas por mim orientadas, assim como meus projetos de pesquisa, tivessem essa fundamentação.

Iniciei minha busca e descobri uma autora que começou a me trazer alguns subsídios teóricos para sustentar a metodologia da abordagem. Foi nos livros de Maria Aparecida Viggiani Bicudo e seus colegas de grupo de pesquisa que encontrei as primeiras possibilidades de uma organização teórico metodológica dessa abordagem. Comecei minhas leituras e passei a indicar aos orientandos e às orientandas que fizessem o mesmo.

DIALOGANDO COM OS AUTORES

Em 2019, eu fiz minha primeira experiência didática, criando uma disciplina que ainda se caracterizava como tópico especial na terminologia usada na matriz de nosso programa de pós-graduação. A ideia era percorrer as leituras desde a fenomenologia de Goethe e Steiner, passando por diversos autores, inclusive Merleau-Ponty. Foi nesse percurso que inseri e busquei aprofundamento, desde Goethe que influenciava o pensamento de Rudolf Steiner, passando por autores da hermenêutica como Ortiz-Osés e Ricoeur, chegando à metodologia apresentada por Bicudo para a descrição de um percurso metodológico com orientandos/as em seus trabalhos de pesquisa.

Em 2023, quando houve a oportunidade de renovar essa experiência, eu já havia ampliado a leitura com mais alguns autores e me permiti travar um diálogo com a neurofenomenologia de Varela, com a microfenomenologia de Petitmengin, ainda que apenas pincelando as abordagens que ambos traziam para o enriquecimento do entendimento do fenômeno a ser estudado, pesquisado e compreendido. Foi nesse momento que os tópicos especiais se transformaram numa disciplina que traz a oportunidade de uma experiência a ser compartilhada.

Após a apresentação entre professora e alunos/as, apresentou-se também a proposta de trabalho com materiais de leitura e procedimentos artísticos para expressar o momento de assimilação desse conteúdo. Porque além da teoria e da filosofia que envolve esta abordagem de pesquisa, acrescentamos também essa possibilidade de uma expressão em outra linguagem que pudesse qualificar o próprio fenômeno do entendimento como pensamento vivenciado¹.

¹ O pensamento vivenciado é o pensamento que se enriquece com a vivência das experiências e dos sentimentos vividos nessa experiência. É o pensamento vivo que supera a mera racionalidade e se permite a liberdade de criar e conceituar a vivência, o conhecimento de si e do outro e de ambos na sociedade e na natureza.

A leitura inicial foi a introdução do livro *A Mente Incorporada: Ciências Cognitivas e Experiência Humana*, de Varela, Thompson e Rosch (2003), em que os autores afirmam começar e terminar com a convicção de que as novas ciências da mente precisam ampliar seus horizontes incluindo tanto a experiência humana vivida quanto as possibilidades de transformação que são inerentes a esta mesma experiência. Ao mesmo tempo, eles acreditam que a experiência humana ordinária cotidiana deve ser ampliada em seus horizontes para que se beneficiem dos insights e análises elaborados pelas ciências da mente, ou cognitivas. Eles se propõem a explorar essa possibilidade em seu livro.

Os autores se posicionam como uma continuação moderna de Merleau-Ponty, no sentido de que se guiaram e se inspiraram em seu trabalho, dando continuidade à ideia de que nossos corpos são tanto estruturas físicas como estruturas de experiências vividas, “como algo que é tanto ‘externo’ quanto ‘interno’. tanto biológico quanto fenomenológico” (Varela; Thompson; Rosch, 2003, p. 13).

Segundo eles, Merleau-Ponty entende que não podemos compreender que estes aspectos não são opostos “sem uma investigação detalhada de seu eixo fundamental, a saber, a incorporação do conhecimento, da cognição e da experiência” (Varela; Thompson; Rosch, 2003, p. 13-14). Para Merleau-Ponty, assim como para eles, a incorporação tem esse sentido duplo incluindo o corpo tanto como uma estrutura experiencial vivida, como sendo o contexto ou mesmo o meio de mecanismos cognitivos.

No entanto, os autores afirmam que não permanecem focados nesse sentido duplo de incorporação, pois vivemos numa época significativamente diferente da que viveu Merleau-Ponty. O trabalho desse pensador ocorreu nas décadas de 40 e 50 do século XX, quando as ciências que estudavam a mente estavam fragmentadas entre neurologia, psicanálise e psicologia experimental behaviorista, basicamente.

Nos dias de hoje encontra-se, de acordo com a visão de Varela, Thompson e Rosch (2003) uma interdisciplinaridade que inclui a emergência de uma nova matriz interdisciplinar chamada de ciências cognitivas, que inclui não apenas as neurociências, mas a psicologia cognitiva, a linguística, a inteligência artificial e, em muitos centros de pesquisa, também a filosofia.

Eles citam diversos autores herdeiros da tradição merleau-pontyana, mas afirmam que, apesar de tudo, “essas abordagens dependem dos métodos de suas disciplinas de origem - das articulações lógicas da filosofia, da análise interpretativa da história e da sociologia, e do tratamento de pacientes em terapia”. E ainda que “apesar de toda essa atividade, a fenomenologia permanece uma escola filosófica pouco influente, especialmente na América do Norte, onde está sendo desenvolvido um volumoso e importante contingente de pesquisas em ciências cognitivas” (Varela; Thompson; Rosch, 2003, p. 15).

Os autores seguem enumerando outros autores e seus trabalhos, mas ao final dessa introdução enunciam a intenção de seguir uma nova abordagem pela qual pretendem “construir uma ponte entre a mente na ciência e a mente na experiência articulando um diálogo entre essas duas tradições, a das ciências cognitivas do ocidente e a da psicologia da meditação budista” (Varela; Thompson; Rosch, 2003, p. 16).

E explicitam essa opção como proposta de um nível de discussão acessível a diferentes tipos de leitores tanto no âmbito dos cientistas cognitivos como das pessoas leigas cultas que estejam interessadas no diálogo entre ciência e experiência, bem como aos interessados em budismo ou pensamento comparado.

Nesse ponto do texto, partimos para a leitura do prefácio da *Fenomenologia da Percepção*, de Maurice Merleau-Ponty (2018), com a intenção de conhecer o ponto de partida de sua obra. Para esse autor, fenomenologia é o estudo das essências, superando a problemática de defini-las, como por exemplo, essência da percepção, essência da consciência, mas também como uma filosofia que reponha essas essências na existência para a compreensão do homem e do mundo a partir de sua facticidade.

Para este autor, isto seria como uma ambição de ser uma ciência exata, ao mesmo tempo sendo o “relato do espaço, do tempo e do mundo vividos” (Merleau-Ponty, 2018, p. 3). Seria

ainda uma tentativa de descrever a experiência tal como ela é, sem interferência da gênese psicológica dela ou das explicações causais dadas.

Segundo o autor, seria um retorno a um mundo anterior ao conhecimento que é reconhecido e referido pelo próprio conhecimento em relação ao qual toda a determinação científica é “abstrata, significativa e dependente” (Merleau-Ponty, 2018, p. 4). Para ele, isso excluiria tanto a análise reflexiva quanto a explicação científica.

Merleau-Ponty afirma que o ‘homem interior’ preconizado por Santo Agostinho não existe, pois o mundo se encontra:

[...] à disposição de qualquer análise que se possa fazer dele e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações, depois os aspectos perspectivados do objeto quando ambos são produtos de análise e não devem ser realizados antes dela. (Merleau-Ponty, 2018, p. 5).

Segundo o autor, a reflexão só acontece sobre algo ainda irrefletido pelo sujeito e não pode se ignorar a si mesma como acontecimento uma vez que se manifesta como uma verdadeira criação, uma mudança estrutural da consciência e que cabe a esta nova estrutura reconhecer que essa mudança se dá sobre algo que existe *a priori* como percepção. O mundo é, segundo Merleau-Ponty, dado ao sujeito porque este sujeito é dado a si mesmo. O real deve então ser descrito por esse sujeito e não construído ou constituído. Nesse sentido, o autor considera que a percepção não pode simplesmente ser assimilada às sínteses, pois essas são da ordem do juízo, dos atos ou da predicação.

O campo perceptivo, que aqui considero de acordo com a compreensão merleau-pontyana como formado pelo que é fornecido ao ser humano pelos sentidos, está situado no mundo e não pode ser confundido com divagações, fantasias e conteúdos imaginados, sendo incompatível com os contextos, mas que, todavia, não se misturam ao mundo, pois vivem no que este autor denomina de teatro do imaginário.

Isso significa que o real independe da representação humana por vezes hesitante (Merleau-Ponty, 2018, p. 6), mas é um tecido sólido que não espera o juízo humano para existir. Merleau-Ponty afirma que a percepção não é ciência do mundo e nem sequer a considera como um ato ou uma tomada de posição deliberada. A percepção é o fundo sobre o qual os atos se destacam e é pressuposta por eles. O ser humano não possui em si a lei de constituição desse mundo que é o meio natural e o campo de todos os pensamentos e de todas as percepções por este ser humano captadas.

O mundo não habita o interior do ser humano, mas antes o ser humano está no mundo pois é nesse mundo que ele se conhece. Segundo o autor, “quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo” (Merleau-Ponty, 2018, p. 6).

O próximo ponto importante no texto de Merleau-Ponty é a questão da suspensão necessária na pesquisa fenomenológica, que ele explica a partir da ideia de que “é porque somos do começo ao fim relação ao mundo que a única maneira para nós de apercebermo-nos disso é suspender esse movimento” (Merleau-Ponty, 2018, p. 10).

De acordo com essa afirmação, o autor entende que se renuncie às certezas do senso comum e da atitude moral não porque sejam tema constante da filosofia, mas por serem pressupostos de todo pensamento, por serem evidentes e então passarem despercebidas. Para que elas possam se tornar úteis na compreensão dos dados dessa abordagem é preciso se abster por alguns instantes das ideias já formadas em nossa mente. É um distanciamento “para ver brotar as transcendências” (Merleau-Ponty, 2018, p. 10) que permite que os fios intencionais da consciência que se ligam ao mundo reapareçam.

Ao longo da explanação sobre a suspensão, também chamada de redução fenomenológica, Merleau-Ponty cita as ideias de Husserl e de seu assistente Eugen Fink. Uma de suas observações é de que o maior ensinamento sobre a redução, segundo Husserl, seria a impossibilidade de que ela fosse completa, pois isso só ocorreria se o ser humano fosse

um espírito absoluto e não um ser no mundo capaz de reflexões no fluxo temporal e não fora dele. “Longe de ser, como se acreditou, a fórmula de uma filosofia idealista, a redução fenomenológica é a fórmula de uma filosofia existencial: o *In-der-Welt-Sein*² de Heidegger só se manifesta sobre o fundo da redução fenomenológica” (Merleau-Ponty, 2018, p. 11).

Assim, depois de Merleau-Ponty, partimos para a leitura sobre a fenomenologia goethiana com a apresentação e a introdução do livro *Ensaio Científico: uma metodologia para o estudo da natureza* (Goethe, 2012). Estes textos abrem o livro que segue depois com escritos científicos deste escritor alemão mais conhecido pela sua obra literária, mas que deixou sua contribuição, depois organizada por Rudolf Steiner durante seu trabalho nos Arquivos Goethe-Schiller em Weimar (1880-1897).

Desse trabalho feito por Steiner são divulgados estes escritos inclusive porque a fenomenologia steineriana se desenvolve a partir daí. Goethe desenvolveu estudos sobre mineralogia, osteologia, óptica e botânica, no entanto, se rebelando contra os métodos analíticos da Ciência Natural que na época pré-goethiana era apenas uma listagem de espécies, muitas vezes desconectadas e sem relações, baseadas apenas na aparência externa. Este autor visualizava o que ele denominava de “tipo”, que seria uma manifestação arquetípica, uma ideia que deveria existir por detrás de cada organismo vivo, numa antecipação da visão de Ernst Haeckel³.

A planta primordial proposta por Goethe seria uma ideia, um modelo ideal, ou essencial que apresentasse tudo o que pode ser desenvolvido em plantas posteriores, ou seja que fossem criadas a partir dessa ideia (Goethe, 2012). Numa carta ao seu colega Herder⁴, ele fazia a descrição dessa planta arquetípica:

A planta primordial será a criatura mais exdrúxula do mundo; a própria natureza sentirá inveja dela. Com esse modelo e com a chave correspondente, será possível [obter] uma infinidade de plantas, todas elas de acordo com o modelo; quer dizer, mesmo que não existam, poderiam existir; não são sombras ou ilusões pictóricas ou poéticas, mas possuem verdade e necessidade intrínsecas. A mesma lei poderá ser aplicada a todos os seres vivos. (Goethe apud Steiner, 1984, p. 25).

Para o entendimento de Goethe é interessante percorrer o caminho proposto por Rudolf Steiner na sua compreensão do pensamento fenomenológico de Goethe. Uma afirmação de Steiner (2004) vem de encontro ao que se disse de Merleau-Ponty. Para ele, dessa compreensão “deveria brotar o reconhecimento de que a maneira como Goethe se comporta no processo cognitivo também provém da essência do ser humano e do mundo” (Steiner, 2004, p. 13). Isso remete ao pensamento supracitado de Merleau-Ponty quando ele afirma que o ser humano está no mundo e que não é o mundo que habita o interior desse ser humano e que é por isso que o ser humano pode se conhecer e se descobrir. São as essências que se encontram, a do ser humano e a do mundo no qual ele está imerso e faz parte, que permitem as percepções das quais vão se desenvolver o conhecimento de cada um dos outros seres e objetos que também estão nesse mundo inseridos.

Na trajetória de Steiner sempre houve a preocupação de como ultrapassar os limites que a ciência de sua época colocava ao desenvolvimento do conhecimento humano. Ele acreditava na possibilidade de que o ser humano desenvolvesse seu conhecimento não apenas no âmbito da realidade do mundo, mas também no âmbito da realidade espiritual. Sua suposição era de que no desenvolvimento da consciência havia a clareza interna para compreender esse mundo espiritual da mesma maneira que se manifesta o conhecimento matemático. A fenomenologia goethiana lhe fornecia ferramentas pensamentais para explicar esse conhecimento que para Steiner (2004) era um caminho já naturalmente percorrido, mas que ainda não encontrava maneiras de se expressar no mundo:

² Estar no mundo, trad. Autora.

³ Ernst Haeckel (1834-1919), naturalista alemão, divulgador da teoria darwinista.

⁴ Johann Gottfried Herder (1744-1803), filósofo, teólogo, poeta e crítico literário.

Ora, eu conhecia muito bem a espiritualidade independente dos sentidos, em si sólida e autônoma, para dar razão ao mundo sensorial dos fenômenos exteriores; mas era preciso lançar uma ponte deste mundo para o mundo do espírito. No curso temporal considerado sensorialmente, o espiritual humano parece desenvolver-se do não-espiritual preexistente. (Steiner, 2004, p. 14)

Para Steiner, negar a abrangência do desenvolvimento do conhecimento, em sua época, era como se alguém se deparasse com uma página impressa sem qualquer noção de leitura e dissesse que não se poderia saber o que estaria por detrás dessas formas. Ele afirmava então que:

Por detrás dos fenômenos sensoriais eu [...] procurava [...] o espiritual que aparentemente se revela no interior do ser humano, mas que, em realidade pertence aos próprios objetos e processos sensoriais. Pelo comportamento do homem cognoscente, surge a ilusão de que os pensamentos das coisas estão no homem, enquanto na realidade eles existem nas coisas. O homem tem necessidade, numa vivência ilusória, de separá-los das coisas; na vivência cognitiva, ele os devolve novamente às coisas. (Steiner, 2004, p. 15).

Segundo Steiner (2004), o período em que escreveu as introduções aos escritos científicos de Goethe foi como um acompanhamento da vida cognitiva de Goethe se desenvolvendo nos campos em que o escritor atuou. Ao mesmo tempo, se esclarecia para Steiner que seu próprio modo de ver o mundo se encaminhava para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana, fundamentando tudo que ele publicou posteriormente como cosmovisão antroposófica abrindo caminho para transitar do mundo sensorial ao espiritual.

Esta fundamentação deu frutos no entendimento deste caminho por meio da escrita do livro *A Filosofia da Liberdade* (2022), no qual Steiner propõe um desenvolvimento cognitivo ampliado para a autoeducação do ser humano. Este caminho ele denomina de individualismo ético e tem como ponto de partida a percepção humana aplicada como possibilidade de um olhar sobre o próprio pensar. Por meio de uma ação qualificada como pensar sobre o pensar, Steiner propõe uma cognição ampliada pela auto-observação proporcionada com o método das ciências naturais⁵.

Desse ponto em diante, quando vislumbramos o ponto de partida comum entre os autores, pudemos começar a trilhar o caminho que nos levaria até a metodologia fenomenológica aplicada. Muitas vezes auxiliada pela prática da hermenêutica, passamos a leitura de dois autores que nos esclareceriam sobre suas questões fundamentais.

Iniciamos a leitura com o texto *Hermeneutica, Sentido e Simbolismo*, de Andrés Ortiz-Osés (2003). Segundo o autor, a Hermenêutica ou filosofia interpretativa, “converteu-se no pensamento contemporâneo por antonomásia” (Ortiz-Osés, 2003, p. 93) representando um âmbito de encontro interdisciplinar que reúne condições de compreender o sentido da realidade, texto ou contexto que esteja em questão. Ortiz-Osés afirma ainda que “a Hermenêutica é efetivamente a abertura do hermético e a superação do sentido literal pelo sentido pleno” (Ortiz-Osés, 2003, p. 93).

O autor segue enumerando características do que ele chama de “Escola Hermenêutica que interpreta o ser do real de modo existencial e dialógico [...] enquanto sentido relacional de caráter intersubjetivo e antidogmático” (Ortiz-Osés, 2003, p. 93). Outra característica é que ela procura mediar o objetivismo clássico com o subjetivismo moderno, numa atividade representada hermenêuticamente na e pela linguagem, que Ortiz-Osés considera como ponto de encontro entre o mundo e o ser humano, realidade e idealidade, objetividade e subjetividade, fundamentada pela hermenêutica de Gadamer e seus pares:

⁵ A denominação do método steineriano como método das ciências naturais é o resultado da interpretação de Marcelo da Veiga em sua tradução atualizada de *A Filosofia da liberdade: fundamentos para uma cosmovisão moderna, resultados da observação interior segundo o método das ciências naturais*. Rudolf Steiner; tradução Claudio Bertalot, Marcelo da Veiga, Marco Antônio Clímaco. Curitiba: Juruá, 2022.

[...] o *Logos* grego reaparece na Hermenêutica gadameriana como *Logos* encarnado, realizando assim a síntese greco-cristã de uma Razão-sentido, como eu próprio traduziria: razão encarnada e *Logos* humanado. A razão hermenêutica enquanto razão encarnada possibilita precisamente a “aplicação” que toda interpretação traz consigo à nossa realidade presente num processo incessante de atualização. (Ortiz-Osés, 2003, p. 94).

Segundo o Ortiz-Osés (2003), a chave desta Hermenêutica contemporânea reside no entendimento de algo ou de alguém como uma interpretação, uma relação direta entre o entender e o interpretar, sendo todo entendimento de algo já uma interpretação, se elevando à categoria universal o conhecer humano. Sua universalidade repousa no fato de que a razão humana faz uma conversão para se tornar interposta ou intercalada, intrometida e mediadora, impura e relacional. Interpretar é se interpor entre os diferentes e suas diferenças, seja entre objeto e sujeito, ou entre sujeitos diferenciados. Trata-se de uma relação dinâmica entre estas diferenças: “interpretação é a compressão ou compreensão do diferente ou do diferenciado, bem como a co-implicação do outro e a assunção da alteridade: pois o outro salva-nos de nossa clausura ao tirar-nos de nós mesmos” (Ortiz-Osés, 2003, p. 95).

O hermeneuta é um tradutor-intérprete mediador “que possibilita a comunicação mútua e o entendimento ou compreensão do real na sua significação” (Ortiz-Osés, 2003, p.15). O texto segue apresentando as diversas aplicações da hermenêutica, dando exemplos nos campos da linguagem, da literatura, do sentido, do simbolismo, da morte, do bem e do mal, do humanismo hermenêutico, da religiosidade, da psicologia, da política e das possíveis interrelações destes campos.

A *função hermenêutica do distanciamento* de Paul Ricoeur (2013, p. 43) relata sua busca em formular um problema hermenêutico “de um modo que seja significativo para o diálogo entre a hermenêutica e as disciplinas semiológicas e exegéticas”. Para isso ele também se remete à obra gadameriana, dizendo sobre o distanciamento tomado do ponto de vista científico, que é justamente o estatuto da ciência e permite a objetivação do que ele qualifica como ciências do espírito ou ciências humanas. Ele afirma ser necessário praticar uma atitude metodológica para não perder a densidade ontológica da realidade que está sendo estudada/pesquisada. Daí a validade dos estudos de Gadamer em *Verdade e Método* (2011).

A intenção de Ricoeur é buscar a problemática do texto, que ele considera o paradigma do distanciamento na comunicação, dentro do qual se encontra a noção de texto, que é positiva e produtora do distanciamento, situada no cerne da experiência humana.

Essa problemática visualizada por Ricoeur (2013) é organizada em 5 temas, ou critérios da textualidade. No cerne dessa rede de critérios o autor situa a questão da escrita: 1- efetuação da linguagem como discurso; 2 – a efetuação do discurso como obra estruturada; 3 – a relação da fala com a escrita no discurso e nas obras do discurso; 4 – a obra do discurso como projeção de um mundo; 5 – o discurso e a obra do discurso como mediação da compreensão em si.

Somente a dialética entre a fala e a escrita suscita um problema hermenêutico, dialética essa construída sobre uma dialética do distanciamento que Ricoeur sugere ser mais primitiva do que a oposição existente entre escrita e fala, por esta última pertencer ao discurso oral enquanto ele é um discurso. Isso remete o próprio discurso às dialéticas ulteriores. Assim, o autor acha necessário intercalar aqui uma noção fundamental que efetue o discurso como obra estruturada, objetivando a linguagem nas obras desse [discurso] como condição próxima de uma inscrição do discurso de fala na escrita. Forma-se assim o tripé discurso-obra-escrita que vai sustentar a decisiva problemática do projeto de um mundo, chamado por Ricoeur de o mundo da obra, entendido por ele como o centro de gravidade da hermenêutica. Dessa forma:

Toda a discussão anterior servirá apenas para preparar o deslocamento do texto em direção ao/do mundo que ele abre. Ao mesmo tempo, a questão da compreensão em si, que, na hermenêutica romântica ocupava um lugar de destaque, vê-se transferida para o fim, como fator terminal, e não como fator introdutório ou, menos ainda, como centro de gravidade. (Ricoeur, 2013, p. 45).

Embora Ricoeur esteja se referindo primeiramente ao texto literário, algumas ideias que ele desenvolve ao longo do texto são válidas para a hermenêutica enquanto ferramenta de

compreensão a ser utilizada na abordagem fenomenológica. Sobre a relação entre a fala e a escrita, o autor chama a atenção para o perigo de se modificar o sentido ao transformar a fala em escrita. Isso se torna particularmente importante na transcrição de entrevistas que serão coletadas com os sujeitos participantes da pesquisa.

A fidelidade ao que foi dito pelo entrevistado é uma preocupação que se encontra na metodologia proposta por Bicudo (2000), em seu livro *Fenomenologia: confrontos e avanços*. Também pode ser a efetivação da *Epoché*, ponto fundamental dessa abordagem de pesquisa, em que se suspende a familiaridade do pesquisador com o assunto tema da pesquisa, para que a vivência do pesquisado apareça inteira. As condições sociológicas e psicossociológicas do pesquisador não devem interferir no mundo-vida do pesquisado, porque na divulgação textual das falas desse sujeito, elas deverão possibilitar uma condição igual à dialogal em que esse discurso reproduzido se deu no contato pessoal. Isso possibilita minimizar as diferenças entre o falado-ouvido e o escrito-lido (Ricoeur, 2013).

Aqui se almeja que o mundo-texto seja o mais semelhante possível ao mundo-vida (Bicudo, 2000). Parafrazeando Ricoeur, “uma [obra] pesquisa se dá aos seus leitores e cria, assim, para si, seu próprio *vis-à-vis* [subjeto] objetivo” (Ricoeur, 2013, p. 57). No mundo em que se insere essa obra-pesquisa, a compreensão do tema pesquisado é a compreensão buscada pelo pesquisador para superar a própria compreensão finita de alguns campos que se propõe a pesquisar e que não encontram outra forma de interpretação dos dados coletados.

A METODOLOGIA DE BICUDO COMO APLICAÇÃO PRÁTICA NA PESQUISA

Com essa aproximação entre Ricoeur e Bicudo, pode-se chegar à descrição da proposta metodológica que tem sido aplicada nas pesquisas feitas no âmbito do nosso programa de pós-graduação utilizando a fenomenologia tanto quanto abordagem como método de compreensão de uma dada realidade. De acordo com Bicudo (2000, p. 72), a fenomenologia difere da pesquisa positivista pois, enquanto essa se norteia pelo que chama de *atitude natural*, a primeira tem como pedra angular a intencionalidade, que não é natural. A fenomenologia assume ser necessário olhar a realidade como algo que “se expõe por si, de modo independente daquele que a percebe”.

Partindo dessa premissa, a fenomenologia “tem como núcleo a própria noção de consciência, entendida como um todo absoluto, não dependente de outro ente e não tendo nada fora de si, porque é movimento de estender-se, de abarcar o que está na circunvisão” (Bicudo, 2000, p.72). A consciência, na visão da autora, “é o ato de estar atento ao percebido” (Bicudo, 2000, p. 73). A manifestação de alguma coisa não ocorre além dela e é relativa à percepção que o ser humano tem dessa manifestação. No entanto, Bicudo afirma que o modo como se entende essa percepção e as modalidades de explicitação de sua existência conduzem ao conhecimento intersubjetivo e a uma objetividade possível que são tramados pela rede de compreensão e das manifestações expressas por meio da linguagem.

Tomando uma referência de Edmond Husserl, Bicudo apresenta o modo de pesquisar que consiste na descrição exhaustiva do fenômeno estudado e aos invariantes detectados nas diferentes descrições das falas dos sujeitos pesquisados. Tais invariantes permitem compreender a essência do fenômeno investigado, desvelando “isto que existe pelo modo como existe” (Bicudo, 2000, p. 74).

A autora afirma que a investigação fenomenológica supera a descrição, pois os dados assim obtidos inicialmente serão analisados e interpretados sob os critérios do referencial teórico escolhido para isso, “buscando pelo fundo, pelo solo perceptivo onde a percepção se dá” (Bicudo, 2000, p. 76). Dessa forma:

A *descrição*, como trabalhada pelo fenomenólogo, é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito. Ela não admite julgamentos ou avaliações. Apenas descreve. Para tanto, expõe-se por meio da linguagem (Bicudo, 2000, p. 77).

Assim, a atitude fenomenológica assume a linguagem como interpretação hermenêutica presentificando uma síntese unificadora “da coisa *percebida/percepção/explicação do percebido*, trazendo em si, o mistério e a complexidade da relação *signo/significado/significante/contexto cultural*” (Bicudo, 2000, p. 79). Essa síntese inviabiliza a subjetividade da percepção e a respectiva relatividade do conhecimento que a utilize como primado, pois a explicitação linguística conduz a experiência perceptiva nas dimensões intersubjetiva e objetiva da realidade.

Bicudo retoma Ricoeur (2013) quando ele afirma que toda linguagem ao dizer, interpreta, sendo, ao mesmo tempo, interpretação de uma realidade e uma interpretação, que pode ser auto interpretação, daquele que fala da realidade. Pode-se dizer que todas as possibilidades que a Fenomenologia e a Hermenêutica trazem para o entendimento do mundo vivido e pelas experiências do sujeito enquanto portador de um corpo que vivencia essas experiências tornam ambas ferramentas muito próximas de suscitar a compreensão no campo de estudo das ciências humanas, especialmente na educação e no fazer artístico.

Na aplicação da fenomenologia enquanto método e técnica na pesquisa, Bicudo apresenta soluções que podem se adaptar a esses campos de estudo. A partir da descrição/transcrição minuciosa das falas e/ou outros materiais coletados no trabalho de campo, é importante que se encontrem as invariantes. Uma vez selecionadas, são elas que vão permitir a criação de categorias de análise, que segundo a proposta de Bicudo (2000, 2011), vai gerar unidades de sentido e unidades de significado, permitindo a compreensão do universo da pesquisa escolhido.

Uma das formas utilizadas para a construção das categorias a serem analisadas é a Rede de Significados (Bicudo, 2011), composta pelos termos de significado atribuídos no contexto portador das vivências sentidas e descritas que por sua vez constituem os invariantes do fenômeno estudado. A preocupação é em compreender “o percebido mesclado na expressão” (Bicudo, 2011, p. 76), uma vez que ele não é o único foco pois se dá atenção às expressões pré-predicativas, ou pré-reflexivas:

Mediante as reduções articuladas em *Redes de Significação* visamos as características globais, universais e primordiais da vivência humana e elucidação do *a priori pré-lógico* que nos é dado no ato de percepção ao *toparmos* com o mundo, com outros seres, com a nossa existência e conosco mesmos. (Bicudo, 2011, p. 76-77).

São então constituídas as unidades de sentido em que se agrupam as falas expressas pelos sujeitos da pesquisa por semelhança, fazendo reduções de sentido que traduzam a percepção que eles tenham da experiência em seu mundo-vida. Essa redução é feita a partir das unidades de significado presentes nas respectivas falas que podem ser elencadas na mesma unidade de sentido. Ou seja, sob uma mesma unidade de sentido, que pode ser a pergunta norteadora que gerou as falas, reúnem-se as unidades de significado que carregam semelhanças entre si.

Sob esta perspectiva, compreende-se de uma forma resumida como se pode interpretar, por diferentes linguagens e formas de expressão utilizadas como instrumento de coleta de dados a abrangência dessa abordagem fenomenológica utilizando a proposta de Bicudo e seu grupo de pesquisa.

Na disciplina Fenomenologia e Hermenêutica, o objetivo era trazer elementos para que se pudesse transitar por temas nos quais se encontram os elementos pré-reflexivos, pré-lógicos. É o caso da pesquisa com a Pedagogia Waldorf e os ensinamentos que ela traz da Antroposofia, ambas criadas por Rudolf Steiner. Outros temas que abrangem aspectos psicológicos, sociais e culturais da dimensão humana dos fenômenos que não se permitem quantificar ou tocar, mas que carecem do entendimento de raízes ancestrais da cultura para serem analisados ficam muito bem contemplados por essa abordagem que ainda precisa de um maior reconhecimento dentro da pesquisa científica.

EXPERIÊNCIA EM ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA DISCUSSÃO

Iniciamos com a apresentação entre professora e alunos/as, apresentou-se também a proposta de trabalho com materiais de leitura e procedimentos artísticos para expressar o

momento de assimilação desse conteúdo. Porque além da teoria e da filosofia que envolve esta abordagem de pesquisa, acrescentamos também essa possibilidade de uma expressão em outra linguagem que pudesse qualificar o próprio fenômeno do entendimento como pensamento vivenciado.

Após cada leitura, foi feita a proposta de se fazer um desenho cuja imagem representasse uma passagem significativa de cada texto, como forma de dinamizar a discussão. Outro recurso utilizado foi a retrospectiva de tudo que ocorria no período de aula de 4 horas que acontecia todas as segundas-feiras à tarde. Nessa prática, percorríamos pelas lembranças desde a última ação ou ideia discutida e voltávamos ao início da aula. Eram exercícios que exigiam dedicação, pois não éramos artistas para que houvesse perfeição nos procedimentos artísticos, mas a criatividade é uma virtude que melhora a cada uso que dela se faz. A retrospectiva nos fazia buscar cada ato significativo e as duas atividades somadas permitiam que as dúvidas e contribuições aprofundassem a assimilação do conteúdo denso dos textos, dos quais aqui apenas reproduzimos as ideias que conduziam ao que depois seria o entendimento do método relativo à abordagem fenomenológica.

Além da experiência com os procedimentos artísticos, houve também a prática do triálogo. Esta técnica é utilizada na educação de adultos nos seminários de Pedagogia Social, uma modalidade de trabalho criado por consultores antropológicos para lidar com questões de relacionamento interpessoal e em grupos de trabalho. Ela consiste num diálogo entre duas pessoas observado por uma terceira. A primeira pessoa conta um fato vivenciado, enquanto a segunda deve se concentrar totalmente no relato da primeira, para depois recontá-lo. A terceira pessoa, por sua vez, concluirá o exercício com a observação de tudo que foi dito pela primeira e como foi reproduzido pela segunda. Trata-se de um exercício em que o olhar atento para com as outras pessoas é fundamental, demonstrando vivencialmente a suspensão fenomenológica.

CONCLUSÃO

Para o encerramento dessa experiência aqui relatada, foi apresentado o documentário *O Desafio de Rudolf Steiner* (Stedall, 2001), partes I e II. A avaliação consistiu em seminários em que a criatividade dos alunos se revelou levando a turma a realizar experiências de cunho fenomenológico, como dinâmica vivenciada a partir do conteúdo abordado na teoria. Uma delas, inclusive, com a vivência de observação de plantas, revivendo a planta arquetípica de Goethe.

O caminho de aprofundamento ainda continua, pois, a abordagem fenomenológico-hermenêutica ao buscar sua inclusão nas pesquisas ajuda na inclusão dos temas que são caros à qualidade de pesquisa, à ética humana e aos direitos da pessoa humana inserida no mundo-vida e no autodesenvolvimento por meio de um pensar vivenciado. Esse tipo de pensamento é fundamental para o entendimento do pensar fenomenológico.

O trabalho iniciado com estes estudos é um processo em desenvolvimento que visa ampliar a compreensão do mundo que vivemos numa busca constante de evolução de uma proposta baseada no individualismo ético de Rudolf Steiner conforme se apresenta em seu livro *Filosofia da liberdade fundamentos para uma cosmovisão moderna, resultados da observação interior segundo o método das ciências naturais* (Steiner, 2022). É uma maneira de travar diálogo com os saberes acadêmicos e a cosmovisão steineriana pelo pensamento vivenciado e ampliado. Também é uma forma de compreensão de saberes e culturas locais, respeitando o que nelas é fundamental para a manutenção da vida dos povos que habitam o centro-oeste do país.

Neste contexto, orienta-se trabalhos que lidam com questões do imaginário dos estudantes e professores da Educação Básica, trazidos como problemáticas de pesquisa encontradas na Região Pantaneira em que se encontram e trabalham cotidianamente. Desenvolvem-se dissertações que lidam com o uso das tecnologias não apenas como ferramenta ou recurso de ensino, mas como esse uso pode transformar o imaginário de crianças e jovens, nem sempre numa perspectiva saudável. Preocupações sobre como o uso de redes sociais e jogos por esses atores em período de desenvolvimento de suas faculdades cognitivas surgem nessa região como em outros lugares do país e do mundo.

Esse uso, em contraposição às práticas com procedimentos artísticos inspirados na pedagogia steineriana, mais conhecida com Pedagogia Waldorf, têm trazido reflexões interessantes que podem auxiliar na interpretação necessária sobre essa tecnologia ao longo da formação continuada e professores das escolas da região assim como dos pais que por vezes são envolvidos nesse universo de pesquisa. A fenomenologia apresenta-se, nessa temática, como abordagem metodológica interessante e rica em contribuições para essa compreensão que se faz necessária, para que não se percam os encantamentos e riquezas regionais que dão perspectivas de vida aos seus habitantes.

REFERÊNCIAS

- Bicudo, M. G. V. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- Bicudo, M. G. V. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- Goethe, J. W. **Ensaio científico: uma metodologia para o estudo da natureza**. São Paulo: Barany Editora; Ad Verbum Editorial, 2012.
- Merleau-Ponty, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- Ortiz-Osés, A. Hermenêutica, sentido e simbolismo. *In*: ARAÚJO, A. F., BAPTISTA, F. P. (coord.). **Variações sobre o imaginário**. Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 93-139.
- Ricoeur, P. A função hermenêutica do distanciamento. *In*: RICOEUR, P. **Interpretação e Ideologias**. São Paulo: Ed. Vozes, 2013. p. 43-59.
- Stedall, J. **O Desafio de Rudolf Steiner - Partes I e II**. England: Produção Cupola Productions, 2001. 2DVD´s.
- Steiner, R. **A Obra Científica de Goethe**. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1984.
- Steiner, R. **A Filosofia da liberdade: fundamentos para uma cosmovisão moderna, resultados da observação interior segundo o método das ciências naturais**. Curitiba: Juruá Editora, 2022. 214 p.
- Steiner, R. **O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana**. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2004.
- Varela, F. J.; Thompson, E.; Rosch, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 366 p.

Contribuições dos autores

O artigo foi escrito, revisado e sistematizado pela própria autora.

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Executivo para América Latina: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira